



**CÂMARA MUNICIPAL DE  
SÃO PAULO**

**SECRETARIA GERAL PARLAMENTAR**  
Secretaria de Registro Parlamentar e Revisão

SUBCOMISSÃO DE CULTURA  
COMISSÃO DE FINANÇAS E ORÇAMENTO

**PRESIDENTE: ELAINE DO QUILOMBO PERIFÉRICO**

TIPO DA REUNIÃO: AUDIÊNCIA PÚBLICA.

LOCAL: Câmara Municipal de São Paulo

DATA: 13/10/2022

OBSERVAÇÕES:

- Notas taquigráficas sem revisão
- Manifestação fora do microfone

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Boa noite, gente.

Eu sou a Vereadora Elaine do Quilombo Periférico.

Na qualidade de Presidente da Subcomissão para Estudos, Análises e Debates de Projetos de Lei, Programas e Projetos relacionados à Cultura, declaro abertos os trabalhos da 6ª Audiência Pública presencial desta Subcomissão, do ano de 2022.

Esta audiência tem como objetivo debater o tema Território Norte: importância da arte e cultura negras, tal como a emergência de políticas públicas afirmativas, na cidade de São Paulo.

Informo que esta reunião está sendo transmitida através do endereço [www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditoriosonline](http://www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditoriosonline), no canal do YouTube, no Facebook da Câmara Municipal de São Paulo e no canal TV Câmara São Paulo.

O convite para esta audiência vem sendo publicado, no *Diário Oficial da Cidade*, desde o dia 29/09/2022; foi divulgado, no *site* da Câmara Municipal de São Paulo, desde o dia 30/09/2022.

Então, muito boa noite a todos e todas presentes. Esta é a nossa 6ª Audiência Pública presencial. A ideia de fazer audiências públicas presenciais da Subcomissão de Cultura nasce de uma demanda dos próprios artistas, técnicos, trabalhadores da cultura e de movimentos culturais, apresentada em reuniões ordinárias da Câmara – reuniões que acontecem na região central da cidade, numa quinta-feira, período da manhã.

Assim, muitas pessoas, sobretudo as pessoas que estão em territórios mais afastados do Centro, têm dificuldade em acompanhar, visto que os trabalhadores da cultura, os periféricos, em sua maioria, costumam ter outra ocupação durante a semana, uma ocupação formal; e reservam os finais de semana e os horários noturnos para fazerem a sua atividade artística.

Então, devido a essa dificuldade dessas pessoas de acompanharem as reuniões da Subcomissão de Cultura, nós começamos a fazer audiências públicas externas, nos territórios,

em horários que fossem mais acessíveis para parte da população apresentar suas demandas.

Nós temos passado por vários territórios da cidade. Então, começamos na zona Leste, fomos à zona Sul; fomos à zona Noroeste, em Perus. A ideia é que consigamos circular por toda a cidade e consiga ouvir boa parte das demandas relativas à pasta da cultura.

Temos tido uma participação muito importante, tanto da Secretaria Municipal de Cultura, como dos representantes locais. Isso é importante, porque existe uma diferença da relação com a Secretaria de Cultura e da relação com as Subprefeituras, que têm condições e demandas diferentes. Há relações diferentes, também, com os artistas, técnicos e trabalhadores da cultura.

É importante que consigamos fazer esse diálogo aberto, para conseguirmos, de fato, pensar em políticas públicas de cultura que atendam as demandas do território.

Hoje, estamos na Casa de Cultura Hip Hop Jaçanã. Assim como outros espaços em que circulamos, este também é um espaço que tem uma gestão colaborativa e coletiva no território. Em todas as audiências, nós fazemos questão de pedir aos territórios que indiquem pessoas para a Mesa, para que o debate comece a partir do território, também. E nós gostamos de saudar algumas pessoas importantes para a cultura no território.

Nós gostaríamos de começar esta audiência saudando a Preta Jaya, que foi uma parteira na região do Jaçanã – uma figura importante, que nos deixou em 2021; saúdo, também, o Mestre Soró, que era da região Norte – um articulador de cultura muito importante dos Queixadas, em Perus. Essas são duas figuras importantes e representativas para esse território. Portanto, nós chegamos pedindo licença e saudando essas pessoas que vieram antes de nós e que construíram um espaço importante.

Nós não tivemos confirmações da Secretaria Municipal de Cultura até o momento – se estarão presentes na Mesa –, mas eu gostaria de convidar, para compor a Mesa, o Subprefeito de Jaçanã/Tremembé, Sr. Dario José Barreto (Palmas) e o Supervisor de Cultura da Subprefeitura de Jaçanã/Tremembé, Sr. Marcos Roberto da Silva (Palmas)

Gostaríamos de continuar compondo a Mesa com os participantes do território, que

foram indicados: a Dayane Moreira Tabajara, da Casa Cultural Hip Hop Jaçanã. Ela é indígena em retomada, mãe solo, moradora da zona Norte, historiadora, produtora cultural e integrante da Casa Cultural Hip Hop Jaçanã.

Também, com o Fernando Ripol, da Samba do Congo. Ele é um sambista, paulista, nascido no Morro Grande, zona Norte, fundador da Frente de Resistência Samba do Congo – Arte, Cultura e Raiz, fundada em 2011, que tem por objetivo incentivar, divulgar os compositores da região e resgatar a história do samba paulista –

trazendo, portanto, em sua trajetória, essa militância do resgate, a preservação da história do samba paulista. É também integrante da ala dos compositores do Kolombolo Diá Piratininga e seus sambas trazem influências de partido alto e batuques de terreiro.

E com o João Mario Sales da Silva, da Rede Potências Periféricas. Ele é educador social, produtor cultural, pesquisador de oralidades, *advocacy* em redes coletivas, atua há mais de 13 anos nas quebradas com projetos e iniciativas socioculturais, práticas e vivências de processos participativos, desenho de ações comunitárias, formações de grupos e redes; é CEO ativista, cofundador da Rede Potências Periféricas de coletivos e organizações sociais periféricas, que buscam soluções e oportunidades para democratizar, descentralizar e acessar recursos financeiros, membro fundador do Fórum de Cultura da zona Norte, acompanhando a dinâmica e organização dos territórios do lado Norte, suas coletividades e movimentos. (Palmas)

Há a confirmação da presença dos Srs. Marcello de Souza Dolme, Coordenador responsável pelo Núcleo Hip Hop; e Anderson Rafael F. Nunes, também da Coordenadoria do Núcleo Hip Hop. As presenças foram confirmadas, mas eles ainda não chegaram. Podemos dar início e, assim que chegarem, eles tomam assento à Mesa conosco.

A nossa dinâmica tem sido ouvir os representantes indicados pelo território e abrir a palavra para o público – os presentes na audiência pública. Para isso, quem quiser fazer uso da fala, é só inscrever-se. A Márcia e o Hugo, que são trabalhadores da Câmara, podem ir até vocês para fazer a inscrição e a palavra será aberta assim que acabar a fala dos representantes do território, que estão à Mesa. Em seguida, retornamos a fala para os representantes da

Subcomissão, para poderem dar as respostas.

A ideia é que façamos falas de cinco a oito minutos, nesse início de conversa, e depois, conforme o tempo, conseguimos abrir de novo a palavra. Já aviso que ficamos controlando o tempo, porque é importante conseguirmos ouvir todas as pessoas que estão participando da audiência pública.

É importante dizer, também, que sempre damos um retorno na reunião ordinária subsequente da Comissão. Por isso, se algumas dúvidas permanecerem, nas reuniões ordinárias da Câmara, nós damos o retorno das questões que forem possíveis ser respondidas rapidamente. E, também, temos feito sempre uma reunião de retorno em cada um dos territórios por onde passamos. Depois de um tempo, retornamos com algumas demandas atendidas, que saíram de cada um dos territórios, do que for possível, do que conseguimos encaminhar na Secretaria. Essa é a dinâmica.

Muito obrigada a todas, todos e todes que estão presentes, em uma emenda de feriado, à noite, num dia agradável para tomar uma cerveja, mas estamos fazendo uma reunião e isso é muito importante. Muito obrigada a todos que estão conosco.

Vou começar passando a palavra para a Day, para iniciar a nossa Mesa.

**A SRA. DAYANE MOREIRA TABAJARA** – Obrigada, Elaine. Obrigada a toda a organização: Quilombo Periférico; Serjão, pela articulação, sempre zero bala nas articulações. Obrigada a todos os mais velhos, que abriram as portas desse quilombo para podermos estar presentes, hoje. Peço licença aos meus ancestrais e aos ancestrais de todos que estão presentes, para que possamos firmar essas palavras hoje e tentar sair com o mínimo de diálogo possível.

Gostaria também de agradecer a todos os coletivos, a todos os fazedores de cultura, a todos os fazedores de arte, a todos os fazedores de política e educação, da região. Sem o trabalho de todes, essa região estaria cada vez mais abandonada, estaria ainda mais vulnerável a tudo que sabemos em que somos vulneráveis, tanto à fome, como à violência, à desunião, que também é uma vulnerabilidade, inclusive, muito bem usada por todos que estão encabeçando

esse sistema. Muito obrigada pelo trabalho de todos que estão presentes, hoje.

A Casa Cultural Hip Hop Jaçanã resiste, desde 2014, prestando serviços de cultura diversos para a comunidade como: capoeira, cursinho popular, entrega de leite e demais serviços que entregamos no espaço. Em 2018, nós descobrimos que havia um interesse da Guarda Civil Municipal em utilizar este espaço, uma vez que a titularidade desse lote, quando foi abandonado em 2007, foi transferida para a Secretaria Municipal de Segurança Urbana.

Por esse motivo, recebemos diversos ataques. Por um lado, ataques administrativos, com movimentações jurídicas que visam a retirada da Casa, como espaço de cultura para instalação de uma base da GCM. E, de outro, ataques físicos com duas tentativas de invasão feitas pela GCM, uma delas no auge da pandemia, quando poucos de nós podiam estar presentes.

Todas essas movimentações contra a nossa permanência levou-nos a integrar o Bloco das Ocupações Culturais, hoje composto por 32 ocupações, que pautam o direito à cultura e arte na cidade de São Paulo, tendo, inclusive, conquistado um edital de credenciamento que reconhece a legitimidade desses espaços por parte da Secretaria Municipal de Cultura, além de premiar os espaços das ocupações com 30 mil reais, verba essa que já provamos, por dois anos, ser extremamente insuficiente para as necessidades que demandam todos esses espaços que integram o bloco.

Todas essas movimentações comunitárias realizadas por nós, ocupantes da Casa, e pelas demais ocupações, fortalecem-se, pois pautamos essa construção em cima do interesse público, de não só ter um espaço de livre acesso à arte, cultura e educação, mas também de livre acesso para a produção de alternativas de arte, cultura e educação.

Nossos povos indígenas e pretos estruturam-se a partir das memórias culturais e ancestrais que são passadas de geração em geração e estamos sendo impedidos de expressarmos-nos e produzir nossa ciência há cinco séculos – são 500 anos.

Tudo isso começou com o esbulho da terra, com as escravizações e sequestros. Continuou com o apagamento histórico, étnico e o genocídio. E, hoje, encontramos-nos em total

estado de abandono, em que as políticas públicas, que poucas vezes se voltam a nós, sequer são construídas por nós ou recebemos qualquer espaço para que possamos opinar e incidir. Mas as ocupações mostram que fruímos artes e saberes. Logo, a tarefa do Poder Público é dispor maiores condições para as possibilidades dessa fruição.

Por isso, exigimos que a atual gestão da Secretaria Municipal de Cultura receba o Bloco de Ocupações, que há tempos tenta ser recebido e não é acolhido. Inclusive, o Movimento Cultural das Periferias, junto à Secretaria Municipal de Cultura, precisa, em conjunto, encaminhar as demandas como a assinatura do decreto que transfere a posse desses espaços, como o nosso, para a Secretaria Municipal de Cultura, pois todas essas ocupações encontram-se em secretarias que não aquelas dos serviços as quais exercem.

De igual modo, solicitamos que a atual gestão da Subprefeitura nos receba, assim como outros coletivos e espaços da região, como a pista de *skate* dos meninos, como a Autonomia ZN, para que nós discutamos e incidamos sobre as verbas da cultura enviadas para a região, uma vez que prestamos diversos serviços à comunidade de forma totalmente voluntária. Lembrando que essa reunião já tentou ser articulada, mas não conseguimos sincronizar nossas agendas e não conseguimos ter êxito.

É de suma importância que nós, indígenas e pretos, nos unamos em prol das nossas quebradas. Que façamos novamente os quilombos, que eram esses espaços coletivos de aprendizados e trocas. Que tenhamos liberdade para reprodução de nossas ciências, sabedorias, arte e cultura, e, também, de estrutura possível para trabalharmos de forma que não podemos em outros espaços organizados e pautados pelo racismo estrutural.

Muito obrigada.

**O SR. FERNANDO RIPOL** – Boa. Mandou bem, Day.

Boa noite a todos, a todas e a todes. É isso, *né*? Essa fala da Day vem muito bem.

Primeiro, quero já parabenizar o mandato do Quilombo, na figura da Elaine, porque é importante nós estarmos nesses espaços mesmo e que, cada vez mais, outros quilombos formem-se, assim como formaram os nossos ancestrais, mas que esses quilombos sejam agora

os espaços de demanda, de poder e de formação, que nós precisamos estar sempre. Então, parabéns.

É isso: poder falar da gente; porque nós sempre fomos desse jeito – a gente não, sempre fizeram desse jeito – falavam da gente para a gente, mas nós não estávamos lá e aí, como é que é isso, aí? É complicado, né?

Inclusive, essa gestão da administração da Secretaria de Cultura precisa pelo menos trocar ideia com o pessoal, porque nem isso está fazendo. Se nós pensamos que ia abrir um espaço, também, com uma pessoa negra lá, acho que deu uma trave, certo?

Então, nós precisamos falar isso também, porque nós não estamos presentes para alisar ninguém, não. Eu agradeço o convite, mas, aí, o convite é feito para eu poder falar o que eu penso, certo? Então, essa é a caminhada.

Então, é importante a Secretária de Cultura entender que ela está a serviço do povo, ela está a serviço da cultura da nossa cidade. Ela não está a serviço de outra coisa, senão do povo da nossa cidade e, em especial, da cultura da nossa cidade. Então, essa demanda precisa chegar lá pela Comissão, para ela conversar com as pessoas, conversar com os coletivos, abrir as portas da Secretaria, que lá não é instituição privada, é uma instituição pública.

Então, nesse rolê que está acontecendo, tinha que ter pelo menos um representante da Secretaria de Cultura. Como é que nós falamos de cultura sem os representantes da Secretaria? Então, nós vamos ficar falando para nós mesmos novamente? Não. Aí está o papel da Comissão, da Elaine e do mandato para levar essas demandas, certo? Então, é importante.

Eu quero registrar e está sendo filmado também. Então, se ela não assiste também, agora ela vai assistir. A senhora deve ouvir as pessoas da cultura. A senhora está aí, dentro da Secretaria Municipal de Cultura, não é uma secretaria particular de cultura. Então, converse com todas as vertentes da cultura, seja do *hip hop*, seja do samba. Para nós marcarmos uma reunião com o movimento das comunidades de samba está uma dificuldade. Então, vamos conversar, vamos trocar ideia, porque senão, na hora que a demanda chega, como é que nós resolvemos?

E aí o pessoal vai continuar fazendo cultura, porque nós sempre fizemos. Nós sempre

fizemos a cultura. A questão é a seguinte: a cultura não pode ser colocada como uma coisa supérflua. A cultura é base de tudo e sempre foi colocada dessa maneira. A cultura, se sobrar alguma coisinha, bota para a cultura, lá. E aí nós temos martelado essa ideia já, há muitos anos, e outros antes de nós. Vai continuar até quando?

Hoje, nós temos um mandato - não só da Elaine –, mas há outros mandatos também, que levam essa demanda para a Secretaria e para outras secretarias. Nós estamos falando da cultura, porque a audiência é para esse segmento. Mas se nós pegarmos a educação, a saúde, há todas essas demandas também.

Então, nós temos esses canais e eu espero que eles se multipliquem cada vez mais, com outros coletivos e mandatos coletivos, ou não, mas que, de alguma maneira, cheguem realmente, efetivamente, e o resultado venha também com o apoio e o fomento para essas pessoas e esses coletivos que fazem a coisa acontecer.

Então, é de suma importância essa relação do diálogo, mas não somente o diálogo nas câmeras, é o diálogo no dia a dia. Na frente das câmeras é fácil fazermos pose. Eu quero ver é na hora de chegar lá, precisar trocar ideia e falar “não, vamos arregaçar as mangas”, como o pessoal veio, ocupou e o espaço está aí, acontecendo várias ações que o Poder Público deveria ter feito antes. Então, partiu do nosso povo e é sempre assim, parte de nós. E, aí, de alguma maneira, o Estado ainda tenta sabotar, há alguns que ainda tentam sabotar para não acontecer.

Então, isso é triste, porque aí a cultura é sempre colocada como segundo, terceiro, quarto, quinto plano e a coisa para acontecer mesmo. Tem que ser por nós. Está errado. Eu já tive outras oportunidades de rodas assim, que o Poder Público não está, cara. É muito louco isso aí.

Eu, como o Melo, que é da caminhada também e ele sempre está aí, nós sempre nos encontramos nas reuniões. Isso é importante, porque ele vive isso daí. Então, ele vai saber, de alguma maneira também, trocar essa ideia com o povo que ele está ali, representando na Subprefeitura, na cultura, na área da cultura que ele está, da região que ele é. Então, isso é

importante *pra* caramba.

Eu queria deixar só essa reflexão aí. Mais do que essa reflexão, essa mensagem mesmo de ter o pessoal da Secretaria de Cultura presente nas audiências. E aí já aproveitar também e abrir esse diálogo. O samba é uma instituição nacional, cara. Nós somos conhecidos pelo samba. O Brasil, fora, é conhecido pelo samba e nós não temos... O samba é patrimônio imaterial da cidade, patrimônio da humanidade, e nós não temos esse respeito; para conversar com o pessoal é difícil.

Então, fica aí a minha indignação nesse ponto: de não ter ninguém da Secretaria presente. Sei que a demanda é grande, mas, enfim, a nossa também é. Muita gente saiu do trabalho e veio para cá; outros tiveram que deixar filho com alguém, passar ali e pegar uma coxinha para comer, para poder chegar. Então, esse esforço tem que ser de todos os lados.

Então, é isso aí. Parabéns, Elaine. Parabéns a todos aí pela caminhada e vamos que vamos. (Palmas)

**O SR. JOÃO MARIO SALES DA SILVA** – Salve, família. Boa noite, todos, todas e todes.

Também saudar a iniciativa da mandata superimportante. E que alegria, que felicidade estar presente nesta noite hoje, ver tanto rosto conhecido, tanto rosto que essa pandemia nos impediu, nesses longos dois anos, de ver, de estar perto, de tocar, de abraçar, não é verdade? E nós estamos tendo essa oportunidade hoje que, inclusive, também é para ser retomada das lutas, para ser retomada das articulações, para ser retomada das construções.

Esse evento também me lembrou muito das audiências, Elaine, lá do começo – aquelas lutas do comecinho da escrita da Lei de Fomento, depois até essa aprovação. Foram momentos importantes, que não foram só de luta e de enfrentamento com o Poder Público, mas foram de troca. Eu acho que é bem isso também, esta noite tem que ser um momento de troca e de energização, de troca de energia, porque o bagulho está louco ainda. Mas é importantíssimo estarmos presentes.

Eu chamo-me João. Na verdade, estou presente pelo Fórum Cultural da Zona Norte,

o FCZN, que nasceu bem no rabo, ali, da aprovação da Lei de Fomento. Nós sentimos necessidade de ter uma articulação na zona Norte para continuar essa conversa de entender o que era importante para o território; entender o que era importante para as periferias, para os trabalhadores, para os coletivos. E, assim, nasce o Fórum Cultural da Zona Norte, em 2016 para 2017, mais ou menos isso. Foi bem naquele momento que a lei foi aprovada, depois teve aquelas rodadas para voltar aos territórios e explicar um pouco como ia funcionar a lei.

Mas tudo isso também para dizer que quase sete, oito anos depois disso, lembrar que não foi da noite para o dia; não foi de uma hora para outra que essas conquistas aconteceram. Vale lembrar, como a Elaine lembrou, que nossos passos não vêm de hoje. É por isso que estamos presentes e com esse tema que a audiência traz hoje, que é pensar política pública de ações afirmativas para a cultura negra, a cultura preta, nesta Casa, especialmente, que é uma Casa que tem, por tema principal, o *hip hop*, mas que abriga várias linguagens do povo preto.

Mas também para fazer essa grande repactuação, de entender quem está, quem não está conosco, quem está e quem continua nos corres, porque os territórios não pararam durante a pandemia. Nós também não tivemos direito ao isolamento, nós não tivemos direito de ficar em casa isolado, nós continuamos trabalhando também.

E nós vamos percebendo o quanto as periferias, esses pedaços da cidade largados, vamos dizer assim, pelo Poder Público, continuam sempre minorizados, invisibilizados. E que essa luta do orçamento é uma luta que parece que não vai ter fim nesta cidade. E entender por que uma cidade com o orçamento que tem continua ainda pingando migalhas para os seus territórios.

É uma alegria, pela primeira vez, você ter uma audiência pública regionalizada, você sair da Câmara Municipal e fazer uma audiência no território. É claro que sabemos que isso é fruto das movimentações da mandata, que tem também na experiência da Vereadora Elaine do Quilombo Periférico e da galera que está no gabinete de fazer esses corres. É assim que

fazemos. Nós nos visitamos. Nós nos conhecemos. Sabemos quando está acontecendo a programação. Vamos lá e sabemos o que os coletivos estão fazendo.

O Dario está aí, com o Poder Público e vai dando essa contribuição para o Poder Público, de perceber como é que fazemos governança, gestão compartilhada, como é que trocamos, como é que fazemos as coisas na escassez. Olhem só, conseguimos fazer coisas sem ter dinheiro. Imaginem se o Poder Público financiasse as coisas que fazemos; se o Poder Público colocasse dinheiro para essas coisas acontecerem. Enfim, há os empreendedores, afro empreendedores, a galera que está nos corres, os pretos e as pretas, os coletivos que trabalham com essas linguagens, a galera do samba, que também, na região, é majoritária. Devemos entender que estão precisando que o Poder Público acorde para isso.

Não sabemos quando. desde 2017, na verdade, é isso. Vivemos, na pasta da cultura, esse momento de terror. Não sei se alguém pode me ajudar a pesquisar na memória. Não sei se houve até agora uma reparação dessas perdas que a cultura teve desde 2017. Não sei se vocês se recordam dos tais congelamentos, enfim. Foram guardando dinheiro em caixa. Não sei, não é? Não? Pois é. Então, vamos ter muito papo para conversar hoje. Já chegamos aos 3%, que era a luta?

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. JOÃO MARIO SALES DA SILVA** – Ah, está bem. Obrigado.

Então, acho que há muita conversa para fazer. Como é que pode uma área tão importante para um povo, tão importante para a cidade, ser assim tão largada? Viu, Dario? Como é que podemos não ter governantes, gestores públicos, que tenham uma preocupação de entender a importância dessa área?

Estou falando da cultura. Não estou falando nem da cultura periférica, pois sabemos que a cultura periférica resiste, ancestralmente, até hoje, por conta própria. Nós temos a Lei de Fomento à Periferia hoje, que consegue descentralizar um pedacinho, um recurso que ainda é incipiente. Não é verdade? Não é um recurso que ainda atinge, infelizmente. Há ali poucas

coletividades que conseguem acessar, mas é um respiro. Podemos falar: “Nossa, é uma grana que vem realmente, anualmente”.

Mas, é isso. Sem delongas, é para começar uma conversa e dizer que vamos fazer, hoje, também, uma repactuação e que nós estamos, mais do que nunca, vivos.

Queremos continuar vivos e lutando. (Palmas)

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada, Srs. João, Day e Fernando.

Vamos fazer uma dinâmica um pouco diferente hoje, porque estamos só com um microfone. Então, vamos abrir as inscrições. Acho que eu deixo o microfone aí e eu vou falando no gogó mesmo os nomes das pessoas que vão indo para lá, para não ficar indo e voltando o microfone. Está bem? Aí, já vamos começar a chamar.

Vamos fazer um combinadinho de cinco minutos. Cinco são muitos? Quantas pessoas há? Não, não há muita gente inscrita, não. Vamos fazer um combinado de cinco minutos de fala para iniciar, e já passamos para os representantes que estão à Mesa. Então, faremos nossas considerações. Pode ser?

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. OSMAR ARAÚJO** – Boa noite a todas, a todos e a todes.

Sou Osmar Araújo, para quem não me conhece. Fiz uma colinha e vou tirar os óculos, porque a letra está pequena e não vou conseguir enxergar. A idade vem chegando.

Eu sou da Mudança de Cena. Trabalhamos na zona Norte. Estamos ali, na Parada Inglesa, mas já tivemos grupos de Teatro do Oprimido com os jovens nos Cicas, na ocupação cultural, que hoje é a Casa de Cultura da Vila Guilherme. Trabalhamos já, lá no Samá, no Vista Alegre, que é ali encaixado na Brasilândia. Enfim, já atuamos em todo o território, e na semana que vem, vamos começar a oficina de Teatro do Oprimido, aqui no Fontalis, com o grupo de jovens.

Nós também atuamos com literatura, com rodas de leitura, e temos a plataforma Hub da Norte, que tem três *podcasts*. Quem quiser, busque lá e vai conhecer. Também sou parte do

Fórum Cultural da Zona Norte. Sou fundador e, lá, conheci a Preta Jaya, o Jesus e outras pessoas que formaram aquela rede. Também sou dos Fóruns dos Pontos de Cultura e, atualmente, dos movimentos culturais da cidade de São Paulo, o que é uma articulação de movimentos.

Dito isso, eu vou começar falando que a classe política e a elite paulistana, quando olham para a zona Norte, só conseguem olhar o Alto de Santana, o morro da Freguesia do Ó e o Jaraguá. Quando passam desse lugar, eles olham a Cantareira. Aí, veem aquele verde bonito da Cantareira. Eles esquecem-se de que, entre esses três lugares de que são lembrados, há uma baixada e outros morros, que são bairros que têm muitos problemas, na cidade de São Paulo. Eu acho que isso é um problema e eu vou tentar provar isso.

Para isso, lançaram o orçamento da cidade de São Paulo – por isso, eu tirei os óculos – e eu vou comparar algumas Subprefeituras. Acho que o orçamento das Subprefeituras diz bem da dinâmica dos recursos da cidade de São Paulo, como eles são distribuídos.

Eu não vou pegar a Sé, porque é covardia. Há muitos equipamentos e assim por diante. Então, peguei Vila Mariana, Pinheiros, Vila Maria/Vila Guilherme, Jaçanã/Tremembé e Freguesia do Ó: Vila Mariana – 46 milhões; Pinheiros – 42 milhões; Vila Maria/Vila Guilherme – 29 milhões; Jaçanã – 32 milhões; Freguesia do Ó – 35 milhões. Aí, dividi isso pelo número da população, conforme está no *site* da Prefeitura da cidade de São Paulo, por Subprefeitura, e dividi também pelo espaço territorial, pelo quilômetro quadrado, porque às vezes o território é maior e exige maior empenho da Prefeitura.

Aí, o que é que percebemos? Que lá, na Vila Mariana, estão investindo 133 reais por habitante. Já em Pinheiros, são 146 reais. Na Vila Maria/Vila Guilherme, são 99 reais. Em relação a Pinheiros, são só 47% a menos. No Jaçanã, são 112 reais, 30% a menos. Na Freguesia do Ó, são 88 reais por habitante. Ou seja, são 66% a menos, em relação a Pinheiros – um pouco menos, em relação à Vila Mariana.

O que é que isso quer dizer? Quer dizer que há menos recursos para esses territórios. Porém, aí, você pode falar: “Não, esses bairros são mais importantes e tal”. Aí, é aquela visão

elitista: “Poxa, Pinheiros é um bairro importante na cidade de São Paulo”. Jaçanã, não é? Que importância temos, na fila do pão? Aí, há aquele mapa da desigualdade da cidade de São Paulo, que é feito pela Rede Nossa São Paulo. Nesse mapa, Vila Mariana e Pinheiros, entre outros bairros que há lá, são considerados os mais brancos, onde moram as pessoas brancas. A Vila Guilherme e o Jaçanã são bairros onde há pretos, de 50% a 75% de pessoas pretas e pardas. Freguesia do Ó tem 75% até 100% de pretos, nessa variação ali, que eles fazem por quartis: de 0 a 25, de 25 a 50, de 50 a 75, 75 para 100. Que são os bloquinhos lá de cor.

Ou seja, o que isso diz para nós? Que a Prefeitura de São Paulo, na atual gestão do Sr. Prefeito Ricardo Nunes está mandando um orçamento que está priorizando os bairros brancos em relação aos bairros pretos da cidade São Paulo. Isso é muito grave. Não é brincadeira. Não é brinquedo, não.

Também, nesse mapa da desigualdade, está dizendo que 50% nesses bairros de que eu estou falando é onde morrem mais jovens: Jaçanã, Tremembé, Freguesia e Vila Guilherme, em relação aos bairros de Pinheiros e Vila Mariana. E nossos bairros da zona Norte estão entre os piores desse ranking de desigualdade. Está lá o dado. Só que há menos dinheiro para cá.

Peço uns minutinhos a mais para dizer que a importância da cultura está mais do que provada pelos livros. Vou citar alguns: *Muitos lugares para aprender*, do CENPEC, que tem um texto maravilhoso do Mário Sergio Cortella, que fala que a educação não é só na escola, mas educação é na rua, nesses espaços alternativos da cidade, espaços culturais.

Temos a referência dos *Quatro Pilares da Educação*, da UNESCO, também, que fala da importância da cultura; a própria Prefeitura usa os ODS como referência e usa mal – não posso falar como, porque não vai dar tempo, mas enfim – está usando e tem a ver com esses pilares; e *Ação cultural para liberdade*, também do Paulo Freire. Trouxe um livro do Paulo Freire, que é o quê: sem cultura não há processo educativo. Sem arte não há criatividade. Então, isso é muito importante para nós. Esperamos que a atual vereança corrija esses erros do orçamento da cidade de São Paulo. Isso é muito importante.

Quero fechar, puxando sardinha para o meu lado e dizer – já que há esse recorte – que o Abdias do Nascimento já sabia disso, quando ele foi estudar na Argentina, estudou Piscator, que é um discípulo Brecht. Ele trouxe para o Brasil essa influência que se manifestou no Teatro do Oprimido e, aí, traz toda essa questão de como o teatro, a arte é uma potência para a transformação social.

Queremos essa reparação e a zona Norte não pode ficar escondida dentro do orçamento da cidade de São Paulo.

Muito obrigado. (Palmas)

**O SR. LUCAS ABREU ANTONIO** – Galera, salve. Boa noite a todos.

Quero parabenizar a iniciativa do Quilombo, por ter feito essa audiência na quebrada e quero dizer do quanto que é gritante – na verdade, ensurdecadora – a ausência da Secretaria de Cultura.

Aqui, não está falando a Casa Cultural, mas assim – quem acompanha o bloco sabe; quem acompanha o movimento cultural das periferias sabe o quanto existe uma tentativa mínima de diálogo e como, simplesmente, fecham as portas. Em contrapartida, nós sabemos quem consegue acessar esse espaço. É triste como uma ausência marca tanto uma coisa que deveria ser importante, que seria uma audiência na quebrada. Para não perder muito, gostaria de falar enquanto território.

Meu nome é Lucas. Eu participo de um coletivo que é o Estratégia Urbana, que ocupa a Casa Cultural. Também integro o Fórum Cultural da zona Norte, junto ao Osmar, o João e a galera toda que está presente na Casa. Muito bom ver todo mundo.

Não vou tomar muito porque a Day e o João já falaram muito e falaram muito bem – eu não conseguiria repetir; mas quero falar enquanto território e, falando como território, aproveitar, principalmente, a presença do Dario, Subprefeito.

Dario, enquanto você estava na gestão da Subprefeitura da Vila Maria, houve uma iniciativa muito exitosa e interessante, que foi a questão de descentralizar, de fato, um orçamento, uma verba que seria da cultura da Subprefeitura para as coletividades. Isso foi um

diálogo que você construiu: as coletividades do território. Isso é uma coisa importantíssima: sem recurso, a Casa consegue se estabelecer dessa forma. Imagina com esse aporte, com esse apoio.

Não estou falando só da Casa Cultural; aqui, há centenas de coletividade que precisam, de fato, de apoio. A Day citou, por exemplo, os meninos da pista de *skate*, que vira e mexe, estão sendo abordados pela PM todos os dias. Só porque estão lá, ocupando espaço.

O apoio de que nós estamos falando não é só um apoio de fato; esse aporte, esse diálogo que seria um apoio de segurança. Desde 2018, nós não sabemos quando que a GCM vai aparecer de novo para ameaçar a galera da Casa Cultural. Nós precisamos de um apoio fato, dado do Poder Público. O que nós estamos fazendo, de fato, é responsabilidade do Poder Público, que é fazer atividade cultural, educacional e esportiva para criança. Como é que nós, fazendo esse tipo de atividade no espaço, sofremos ameaça do Poder Público?

---

Então, Dario, estou falando isso porque eu sei que você é uma pessoa simpática a isso. Eu sei que você conseguiria fazer esse diálogo. Então, tirar um compromisso da Subprefeitura Jaçanã/Tremembé para fazer esse diálogo, não só mais próximo com os coletivos, mas fazer esse apoio de fato e ver essa possibilidade de apoio financeiro e de segurança para todo mundo que faz cultura, educação e esporte na quebrada.

Muito obrigado. (Palmas)

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Quero anunciar a presença e convidar para a Mesa os Srs.: Anderson Rafael F. Nunes e Marcello Souza Dolme, representantes da Coordenação de Núcleo de Hip Hop, da Secretaria Municipal. Obrigada pela presença.

Passo palavra ao Sr. Germínio Andrade, em seguida ao Sr. Jesus dos Santos.

**O SR. GERMÍNIO ANDRADE (Manno G)** - Boa noite a todos.

A quem não me conhece, eu sou Manno G, sou do Jardim Felicidade. Ao chegar nesse espaço, hoje, fiquei até emocionado, porque fazia muito tempo que eu não vinha.

Para quem não sabe, esse espaço foi ocupado por mim e alguns amigos que eu

convidei, na época. Isso aconteceu no ano de 2016. Eu passava em frente, via esse negócio com mato gigante. Tinha mato e pessoas drogando-se aqui, dentro. Tinha um buraco ali, onde há aquela foto da biblioteca. Daí, senti necessidade de ocupar esse espaço, porque nós temos, ao lado do CEU Jaçanã e a Fábrica de Cultura.

Hoje, o pessoal que está na gestão nos recebem com muito carinho, inclusive, antes de eu descer para cá, apresentei-me lá. É um lugar que serve toda a comunidade. Mas antes de chegar esses órgãos – essa Fábrica, o CEU e tudo, ou até as gestões anteriores – não havia essa mesma visão que hoje temos, de cada um mandar o seu projeto lá, ser analisado, ter esse espaço para poder mostrar sua arte e falar o que você precisa falar para um coletivo.

Então, na época, eu passei, vi isso abandonado – era um Telecentro, na gestão da Marta Suplicy. Abandonaram o negócio e tal. Falei: “não, vamos ocupar esse negócio”. Juntei a galera. Viemos e ocupamos. Fiquei seis meses da minha vida, vindo todos os dias de manhã e voltando para casa à noite.

Isso custou-me várias perdas: o trabalho que eu tinha, na época, eu perdi; separei-me da esposa. Deixei minha filha pequena com a mãe, porque rolou a separação, enfim – o que eu quero dizer com isso é que, aí, alguém fala assim: “ah, mas ocupou porque isso, porque aquilo”. A questão é assim: o Poder Público nunca incentivou nada referente à cultura. Há gente que diz “ah, não, incentiva” – não, não incentiva. O Poder Público manda o dinheiro para quem é famosão, que está na TV toda hora, que está na Globo, que está não sei onde, aí o dinheiro vai.

Há gente que veio cantar na nossa quebrada, que ganhou 200 mil, 300 mil, para fazer uma apresentação na festa de aniversário do Jaçanã, enquanto nós, que estamos amassando o barro todos os dias, não ganhamos um real, entendeu? E quando é chamado para apresentar-se.

Tipo assim: quando não vem o dinheiro para contratar as bandas famosas, chama todo mundo da comunidade. Aí, você vai lá fazer o evento e não ganha nada. Na maioria das vezes, eu me apresentei – não estou falando dessa gestão específica. Eu estou falando que isso

acontece faz anos; não é um negócio que está acontecendo com a gestão que está lá. Parece que eles já combinam isso: “não vamos mandar verba para lá, não vamos valorizar quem é da comunidade”.

Então, essa luta é muito importante. Se nós ficarmos quietos, vai continuar mais 100 anos assim e nada vai ser mudado. Acho muito importante estarmos abrindo um diálogo – vocês estão passando em outros polos, ouvindo o pessoal e tudo –, mas vamos levar essa parada até um ponto que fala: “firmou um acordo, está no papel”. Porque de conversa, entra gestão e sai gestão, e nós continuamos amassando o barro, sem nada.

Na maioria das vezes, se você ficar um mês sem vir, no outro mês, a pessoa nem te reconhece mais. Quantas reuniões eu fui na Secretaria de Habitação, Secretaria de Serviço Social, Secretaria não sei de quê? Porque ficaram empurrando, quando nós ocupamos essa Casa. Estávamos sem água, sem luz; tirei dinheiro do meu bolso para fazer esses remendos no chão, para arrumar os banheiros e fechar o buraco que estava ali.

Enfim, o que nós escutamos é só história e promessa. Então, esse negócio de promessa hoje, promessa amanhã, não existe. Para mim, tem que ser caneta no papel. A partir desse momento, acho que as nossas lutas vão estar consolidadas.

Falamos em *hip hop*: “ah, vamos por fulano do *hip hop* lá”. Quando você fala de *hip hop* em São Paulo é até vergonhoso. Por quê? Quando o pessoal precisa de você, do *hip hop*, para dar uma palestra na escola, não sei onde, eles acham que nós do *hip hop* não comemos. Tipo “ah, Manno G, vem aqui, mas não vai rolar dinheiro”. Aí eu vou lá, dou palestra, faço não sei o quê. “Beleza, o Manno G está contribuindo com o *hip hop*”. Mas quando o cara tem dinheiro para contratar alguém do *hip-hop*, ele chama lá os caras famosos que não fazem nada pela quebrada. “Ah, mas fulano é da zona Norte”. Ele era da zona Norte. Ele mora aqui, na zona Norte? Ele faz alguma coisa pela zona Norte? Então, é assim, gente: o artista da comunidade precisa ir para fora para ser valorizado. Eu acabei de chegar de Portugal. Lá, fiz vários eventos, fui em vários lugares “massa” e vi o meu verdadeiro valor. Porque aqui, no Brasil, tem hora que você está em casa e você desanima. Você fala: “ah, não, vou parar com esse barato, porque eu

não estou fazendo o bagulho direito”, porque é o que dá a entender.

Então, a luta é cabível. Eu estou na luta, como todos presentes. Agradeço a todos que mantém essa parada viva, porque é uma parada que se não tivesse a galera ocupando, estaria ocioso, porque a Prefeitura não está nem aí. Essa é a verdade – desculpem-me os representantes da Prefeitura que estão presentes. Não é nada pessoal com ninguém, certo?

Mas a verdade é uma só: do governo federal, ao estadual e municipal, ninguém está nem aí para nós. Então, acho que nós temos que nos juntar cada vez mais, porque há isso também: há coletivos que falam “ah, há 50 coletivos”, mas quando um está fazendo uma parada, o outro não vai; quando o outro está fazendo, o outro não vem; então, que coletivo é esse, que é só para dizer que é coletivo e na hora que é para ser coletivo, acaba sendo desunificada, essa parada?

Então, é isso aí. Não vou me alongar, porque eu acho que eu já falei até demais, mas quero dizer que eu estou na luta junto de todo mundo, independentemente de estar na comunidade ou não. Eu sempre estou viajando, mas estou junto de vocês aí.

Liga nós, que estamos juntos. Obrigado.

**O SR. JESUS DOS SANTOS** – Salve. Boa noite a todas, todos e todes.

Quero agradecer e parabenizar o mandato Quilombo Periférico pela iniciativa de chegar nas quebradas; ação essa que, sem sombra de dúvida, só acontece quando são os nossos e as nossas que ocupam esse lugar.

Eu não quero me alongar, porque parte da análise do território da cultura como as políticas culturais da cidade já foram trazidas – mas eu quero, talvez, corroborar e complementar os dados que o Osmar trouxe, sobretudo, porque nós estamos numa região com mais de 600 mil pessoas – eu digo a Norte 1, que compreende Jaçanã/Tremembé, Santana/Tucuruvi, Vila Maria/Vila Guilherme/Vila Medeiros – e nós somente temos três casas de cultura, três bibliotecas; e todas localizadas nos ambientes e nas áreas mais nobres, talvez, com o maior poder aquisitivo.

Isso significa que, se não fossem por ocupações como essa, por coletivos culturais que se esforçam – como já foi dito, que tiram do seu bolso para fazer com que a cultura sirva,

até porque ela tem essa serventia de contribuir com a transformação social –, eu diria – e o Poder Público está presente – que seria, nada mais, nada menos, do que uma vergonha.

Dito isso, eu acho que há três coisas que nós precisamos avançar urgentemente. A primeira, o Lucas já tocou; que, quando o Dario era Subprefeito da Vila Maria/Vila Guilherme, nós apresentamos para ele, justamente, uma proposta de uso dos recursos públicos que chegam na Subprefeitura para cultura. Naquela época, chegava em torno de 30 a 50 mil reais; na última gestão, sobretudo, depois do Ricardo Nunes, que, na verdade, tira cada vez mais dinheiro das políticas públicas das mais diversas áreas, esse recurso desapareceu.

Do ponto de vista da descentralização do orçamento da cidade, esse recurso precisa estar no orçamento público e precisa ser executado. Até outro dia, essa grana só servia para realização de festa de aniversário do bairro – não que isso não seja importante, mas sem gerência, participação e colaboração nenhuma dos coletivos culturais que se fazem presente no território. Uma segunda questão, que nós precisamos avançar urgentemente, tem, justamente, a ver com as ocupações culturais as quais nós temos no nosso território e que já foi dito, só que – Dario, Elaine, todas e todos que se fazem presentes: é fato consumado de que a cultura, do ponto de vista de quando há orçamento público, é um valioso instrumento para a diminuição da vulnerabilidade e do risco social.

No nosso território, o que mais tem são espaços ociosos que poderiam servir, justamente, para que essas coletividades que não encontram, muitas vezes, espaços como esse, possam, de fato, organizarem-se e participarem do que o movimento cultural da cidade vem discutindo há muito tempo sobre as gestões compartilhadas.

Para finalizar acho que, de fato, esse deve ser um ponto discutido e que já vem sendo discutido há muito tempo, mas que o Executivo municipal não tem dado conta de avançar com essa demanda: é justamente a reestruturação da Secretaria Municipal de Cultura. Quando observamos outras pastas, como Saúde, Educação, todas têm, de alguma forma, um órgão regionalizado, descentralizado, que dá conta das demandas locais.

Temos um supervisor de cultura com a licença que, de fato, não há tarefa nenhuma,

não colabora em nada com a discussão e a política cultural do território. E eu entendo que, muitas vezes, você até quer fazer muita coisa, mas sem estrutura, sem orientação da Secretaria Municipal de Cultura; muitas vezes, você está lá só para passar nervoso, assim como os coletivos culturais, os ativistas culturais que buscam e procuram a Supervisão de Cultura e ficam à míngua.

Então, eu acredito que esses três pontos precisam avançar, justamente para que os territórios tenham uma coordenação regional, para que, de fato, nós minimizemos os impactos da falta de políticas públicas culturais para o território. Precisamos usar, executar; precisa continuar existindo o orçamento da cultura nos territórios. Por fim, eu acho que o Dario está com a caneta na mão para resolver – deve-se, justamente, ampliar os espaços de ocupação cultural no nosso território.

Para finalizar, o Fórum Cultural da Zona Norte, nos dias 10 e 11 de dezembro, realiza, justamente, nesse espaço, a terceira Se Mostra ZN. Todas, todos e todes estão convidados e vou convidar a Comissão de Cultura para, também, participar e somar nessas ideias.

Boa noite a todas.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Quero só dar um recadinho, rapidamente. Nós temos, agora, mais duas inscrições. Eu iria pedir para quem quiser inscrever-se ainda, para fazer uso da fala, inscreva-se durante a fala do Palito, que é o próximo inscrito. Durante a fala do Palito, as últimas pessoas inscrevem-se e nós já trazemos de volta para a Mesa.

Então, agora é o Palito. O próximo, o Pirata.

**O SR. RENATO MANOEL DE SOUZA (Contramestre Palito)** – Boa noite a todos e a todas.

É um grande prazer estar colaborando com a ocupação de vocês. Para quem não me conhece, eu sou o Contramestre Palito. Faço parte do Fórum Municipal de Capoeira. Nós fizemos um mapeamento dos grupos de capoeira da cidade de São Paulo; há mais de 450 grupos de capoeira. Quando cheguei, encontrei o contramestre Jefferson, que é da região, é meu amigo também. Aí, há um aluno meu que também dá aula no CEU Jaçanã, que é o Thalaby. Enfim. Aí,

você vê que não há políticas públicas para a capoeira. Nós lutamos por um fomento para a capoeira no município de São Paulo.

Eu já trabalho com capoeira há mais de 20 anos. Sou da região do Jabaquara – comecei no Jabaquara, numa oficina. A única época em que meu mestre foi contratado – que é o Mestre Miguel, com quem eu faço parte do Grupo Cativoiro – foi na gestão da Luiza Erundina. Já faz mais de 20 anos. (Pausa). Bem mais, né. Para vocês verem.

Quando eu entrei lá, eu queria fazer capoeira, mas não podia pagar. Eles me falaram: “Lá no Centro de Culturas Negras Mãe Sylvia de Oxalá há capoeira gratuita”. Aí, eu fui e comecei a treinar capoeira. Na época, a Luiza Erundina, num projeto, bancava a oficina, os uniformes; teve a nossa festa, que é o batizado. Depois que acabou a gestão Luiza Erundina, nunca mais. Na gestão da Marta, ainda um pouco; do Haddad, também, mais ou menos. Enfim, as outras gestões: “zoadado”, pior.

Resumindo: para a capoeira não há políticas públicas. Nós não temos um fomento para a capoeira. Isso é muito sério. Mostra como a estrutura ainda é racista. Se a capoeira é patrimônio e você não tem um fomento para a capoeira... Todos os espaços de cultura a que você vai, de resistência, sempre há capoeira; vocês já repararam? Mas onde está?

A primeira coisa que eu perguntei para o irmão, lá: “E aí, como é que você está?”. “Eu estou dando aula como voluntário”. Eu falei: “Voluntário?”. Voluntário é f\*d\*, né. Então, onde estão os recursos? Tem muito, né.

Aí, eu já trago para a cultura negra, porque a capoeira é preta; é da cultura negra. Aí, você não tem fomento específico para a cultura negra, também. O que há são migalhas. Eles fizeram um edital de 2,5 milhões. Aí, você pega 250 mil – vai dar 10 grupos.

Aí, coloca a cultura negra, todo mundo junto – não. A capoeira tem uma especificidade, o jongo tem outra, o samba tem outra, o *hip-hop* tem outra. Então, minimamente, o pessoal até leva na brincadeira, mas é sério. Quando for falar de cultura negra, tem que ter reparação histórica.

Se você pegar a história do Theatro Municipal: ele foi construído em 1911, por um

arquiteto preto, que foi o Ramos de Azevedo. (Pausa) Sim, ele é preto. E o Theatro Municipal foi construído para ópera, música eurocêntrica. Então, recebe fomento desde lá. São 135 milhões de reais de orçamento para o Theatro Municipal. E para a cultura negra? Precisa ter equidade. Aí, você tem 2,5 milhões e ficam fazendo propaganda, o que, na verdade, é uma enganação. Não tem nada, nem 1% para a cultura negra.

Capoeira não tem nada, samba não tem nada. Não quero falar das outras linguagens, mas se formos comparar com o teatro – o teatro não sei quanto. Mas para o teatro é uma galera, também... não é todo mundo, mas vamos falar a real, mano: nós não temos nada. Nosso povo está à míngua. Nós não somos fomentados em nada.

Para finalizar, eu entendo que a Secretaria está chegando agora a um momento de orçamento. Eu entendo que, para começar, é uma reparação histórica. Tinha que garantir 50 milhões de reais para a cultura negra. Lógico, eu vou querer 10 milhões para a capoeira – é um exemplo –, mas vamos dividir para as outras. Para finalizar: 10 milhões para a cultura indígena e 5 milhões para a cultura imigrante. Mas a imigrante, que eu falo, são os nossos irmãos haitianos, africanos, bolivianos, venezuelanos, essa galera, para começar a discussão do orçamento. Porque, senão, é migalha – vocês vão dar o mesmo caô que estão dando todo ano. Todo ano é o mesmo “caô”. Então, são 50 milhões para a cultura negra, 10 milhões para a cultura indígena e 5 milhões para a cultura imigrante; é esse o recado que eu deixo.

E da Subprefeitura, é outra coisa que nós temos que discutir. Porque, se vai o orçamento da cultura para a Subprefeitura, esse orçamento não chega para os movimentos culturais, os coletivos da comunidade. Se há o orçamento lá, precisa ser dividido. Precisa fiscalizar, como o Jesus e os outros irmãos falaram. Não adianta ter um Supervisor de Cultura se ele não tem dinheiro. Não há orçamento, ele faz o que lá?

Então, é isso. Gratidão a todos, estamos juntos.

**O SR. ANDRÉ LUIZ DOS SANTOS (Rapper Pirata) – Salve.**

Só para sacarmos qual é que é, porque eu acho que nós esquecemos de algumas coisas. Esse território é onde começaram a colocar o Subprefeito polícia, da época do Kassab.

Esse território é onde morreram as pessoas em situação de rua, ali, no viaduto – foram seis, numa chacina. Aí, depois, foi para todos os lugares. Esse território é o território em que o policial fala que a arma deu um tiro, falhou, aí, houve a campanha “Atiraram em mim”. Esse território é o território de polícia, certo? Vila Nilo, Fontalis; qual é que é a dos moleques, das meninas? Esse é o território.

Por que estou dizendo isso? Isso é a função da cultura, que ninguém saca. Todo mundo está falando “Quero minha verba, quero meu dinheiro”. A função da cultura é justamente dar outra opção para esse território. Não só esse território, todos os territórios: Lajeado, etc. Por isso que nós entramos no *bang* para fazer o rolê sério – não os produtores culturais.

Eu não tenho nada contra produtor cultural. Só que quem está na cultura tem que sacar o que está fazendo, principalmente se nós estamos falando de preto e de periferia. Tem que sacar o que é cultura. Cultura não é entretenimento. Não adianta eu vir – respeitando qualquer um, liga? Mas eu vou falar do *jazz*, respeitando o *jazz*: não adianta vir o Zé Pironga do *jazz*, que ganha 100 milhões, vem lá da Vila Madalena, toca, vai embora e está com nojinho, não quer falar com os nossos. Não entende como é importante.

Por isso, nós falamos para vocês, do *hip hop*: todo mundo não precisa falar que fez. Não fez, mas nós vamos lá e fazemos junto. Ó, como é o maior boi. É importante aquela moça, ali, estar com a criança. Nós somos desse jeito: nós temos criança, nós fazemos esse rolê; só que nós discutimos política com qualidade, sabemos tudo sobre o orçamento, Subprefeito. Tudo o que você perguntar. Sabemos que o orçamento está amarrado politicamente na Subprefeitura. É difícil fazer esse debate. Nós sabemos o que é uma Subprefeitura – quem manda, quem não manda, quem coloca e quem tira.

Também é difícil fazer o debate do orçamento agora, a peça já foi – não vai entrar o que nós estamos falando. Agora, se eles falarem que se comprometem com os movimentos culturais da cidade, para transformar o orçamento que está lá, de 650 milhões, para colocar essas pautas e colocar na rua, e nós vamos ajudar a colocar para a rua, aí sim. Por que fazer cultura? Esse território é um território homicida. Os moleques estão todos na Fundação Casa,

em medida socioeducativa. Mas, para as pessoas, isso não é nada. “Ah, os caras são noia”. Não são noia – é a nossa história que tem que mudar.

Cultura é isso. O dinheiro faz parte do jogo: eu quero cantar *rap* e quero receber. Poucas. Tem que fazer um contrato? Faz parte do jogo fazer nota fiscal – faz parte do jogo. Mas o que faz diferença é ter a Casa de Hip Hop, é ter o CEU ali; é ter vários lugares e transformar vidas. Eu não tenho nada contra as drogas, mas se as pessoas estão todas aqui, neste momento, elas estão com as vidas salvas.

Aí, Manno G: você está ligado no que nós estamos falando. Nós do *hip hop*, que somos sérios no bagulho, participamos do meio do *hip hop*? Nós fomos colocados de escanteio. Só que se nós falamos, sabe o que os caras falam para nós? “Não, todo mundo participa”. E, aí, mano? Nós estamos mentindo? Só que vocês são do nosso rolê; você é do nosso rolê, você é do nosso rolê. Eu sei qual é que é, da Santa Cruz *etc.* e eu respeito. Eu respeito todo o *hip hop*. Mas entendam: tem que ter todos nós, mano. Se não tiver todos nós – 13,7 milhões, sem nós – , vão para os caras que não são nossos, se liga? São produtores, que, às vezes, nem somos nós que somos o produtor; é a classe média.

Suave? É pela vida, irmão. Poucas ideias. (Palmas)

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada, Pirata.

Não há mais inscritos. Então, nós vamos começar a passar a fala para os representantes, tanto da Subcomissão como da Secretaria. Eu só gostaria de pontuar algumas coisas que foram ditas pelos participantes – pontuar muito rapidamente também –, porque são pontos que aparecem, praticamente, em todas as audiências públicas que nós temos feito nos territórios, com algumas diferenças.

É importante ressaltar o que foi colocado também, sobre o alerta de uma tentativa de ocupação desse espaço pela GCM. Esse é um ponto que tem aparecido em todas as audiências públicas que são relativas aos espaços de ocupação cultural e espaços culturais: estão sempre sofrendo ameaças de serem retirados do território ou, também, que há pouquíssimo ou, às vezes, nenhum orçamento ou nenhum recurso da Secretaria Municipal de Cultura e uma dificuldade,

também, de fazer conversa e diálogo com a própria Secretaria Municipal de Cultura.

Outra coisa que foi bastante apontada, também, por várias pessoas, é a falta de diálogo, como também a falta de espaço de protagonismo indígena e protagonismo negro na elaboração de políticas públicas. Então, foi colocada, também, a dificuldade que essas pessoas têm em participar nesses espaços de decisão, enfim. Foi pontuada bastante uma pista de *skate*, que há no nosso território. E eu quis falar sobre isso, porque já foi pontuado em vários outros espaços, como espaços públicos da Subprefeitura. Não estão preparados para receber as pessoas. Então, ou há falta de iluminação, falta de segurança ou as pistas estão degradadas.

Enfim, nós não conseguimos manter esses espaços, que deveriam ser abertos para essa população. E, às vezes, mais de uma vez, a solicitação era absurdamente simples: iluminação na praça. O que nós precisamos? Qual é a demanda? Que a praça seja iluminada. Então, teoricamente, isso deveria ser simples.

---

Podemos falar do apoio e do fomento à cultura negra. A Subcomissão de Cultura é uma Subcomissão da Comissão de Finanças e Orçamento da Câmara Municipal. Por que a Subcomissão de Cultura vai parar na Comissão de Finanças? Justamente, porque, sempre, em todo momento em que o movimento de cultura ia fazer o debate com a Secretaria, a justificativa, como ainda é a de hoje, é que a Secretaria não tem recurso para fazer as atividades culturais.

Como a Mara falou, o recurso hoje está em 0,6%. O máximo que a Secretaria conseguiu, se não me engano, foi 1,6% de orçamento da cidade inteira, e esse recurso, inclusive, é para o que o Palito falou aí: para o Municipal e para os recursos da própria estruturação da Secretaria Municipal. Então, é um recurso absolutamente ínfimo, mesmo do recurso total da cidade para os coletivos de Cultura. E isso aparece, também, em uma outra questão que foi colocada logo no começo, inclusive, das falas: de como a distribuição dos recursos da cultura não é equânime. Então, conforme se vai indo para as regiões mais periféricas e afastadas, menos recursos, e investimento há. Ao contrário: vai aumentando o número da população e, também, vai diminuindo o número de equipamentos públicos e de serviços públicos, de forma geral – não só de cultura, mas de serviços públicos a que essa população tem acesso.

Então, há uma questão muito séria, que nós temos debatido há muito tempo. Inclusive, quando se pede o movimento, pede-se aumento de recurso, que é uma demanda histórica, para 3% – que também frisa que, desses 3%, 1,5%, no mínimo, deveria ir para a periferia, porque não adianta nada o recurso crescer e continuar sendo investido nas mesmas áreas.

Assim, várias outras coisas foram colocadas, mas esses pontos são muito importantes. Importantes por uma coisa que o Palito citou. Quando nós falamos de culturas negras – quando nós, na Administração Pública, falamos da importância que conseguimos observar, que o município está dando para uma atenção e é muito simples –, é só olhar para o orçamento da cidade. Então, se olha para o orçamento da cidade e vê que, ali, não há um recurso destinado. É óbvio que, aquilo ali, não é uma pauta prioritária da gestão. Se ela fosse prioritária na gestão, o recurso seria maior. Então, é muito importante nós pensarmos.

Outro ponto, também, que é importante citar: houve uma pequena diferença, inclusive, no geral. Nós ouvimos muitas reclamações dos espaços territoriais de cultura. Então, sobre CEUs e casas de cultura, nós ouvimos muita reclamação mesmo, sobre o acesso dos coletivos de cultura a esse território. Aqui, nós – ainda bem –, ouvimos uma conversa um pouco diferente: que há um acesso legal ao CEU, principalmente, aos equipamentos públicos do CEU, enfim; aos equipamentos públicos de cultura que nós temos. Isso é uma boa notícia, porque é bem raro ouvirmos isso na Secretaria, nas audiências públicas de cultura.

Podemos dizer, inclusive, dessa importância, porque os equipamentos de cultura, a Secretaria de Cultura, serve como fomentadora da cultura – que já existe nos territórios. Nós não trazemos cultura para os territórios. Nós não produzimos cultura nos territórios, enquanto legislador mesmo ou enquanto Executivo. Nós temos que aprender a fomentar esses espaços e a fomentar a cultura e a arte que são colocadas.

O Palito falou uma coisa que é muito importante: nós podemos, também, olhar para a perspectiva racial e racializar esses dados – coisa muito importante de se fazer, para entender que as políticas públicas não chegam às culturas negras; mesmo essas culturas sendo

patrimônio em material histórico, sendo a base da cultura nacional, sendo as produções mais latentes da população e sendo a maior festa artística. O samba, por exemplo, é uma das maiores festas que existem neste país.

O país é conhecido pelo samba, a arte. A cultura negra, de forma geral, tanto as culturas negras populares, como jongo, como capoeira e como samba, que é absurdamente mais popular – ainda assim não recebem recursos. Então, é muito difícil se olhar para isso e não encontrar, ali, o elemento racismo, que perpassa a política pública nesta cidade. Como nós podemos ter as manifestações culturais em que a população mais se envolve, mais produz – e que são patrimônios culturais – recebendo menos recurso, sequer sendo citadas dentro de uma peça orçamentária ou dentro de uma política pública de uma Secretaria de Cultura?

Então, eu gostaria de fazer essas ponderações, porque é muito importante nós olharmos para isso e darmos o nome correto que isso tem. Isso é racismo. Racismo institucional é a maneira como o Estado aprendeu a lidar, tanto com a cultura negra, como com a cultura indígena. Então, é importante fazermos esse destaque. E gostaria de ouvir um pouco como pensam os representantes que estão presentes, tanto da Secretaria, como da Sub.

Mais uma vez, agradeço a presença de vocês. Nós sabemos que a gente sempre vem numa situação que não é a das mais agradáveis, mas também é nossa função. Estamos aqui para ouvir a população.

Tem a palavra o Sr. Subprefeito Dario José Barreto.

**O SR. DARIO JOSÉ BARRETO** – Boa noite a todos.

Agradeço a Vereadora Elaine pelo convite. Eu, como representante da Subprefeitura, digo que, todo evento que há, depende da pauta. Peço a questão orçamentária da cultura e de outras pastas. Eu tento, sempre que possível, participar e não me furto de estar sempre tomando o pé das demandas do nosso território.

Nós estamos, hoje, debatendo o orçamento da cultura – nossa reunião é o orçamento da cultura – mas acabam entrando outras pautas, nobre Vereadora. Nós, que somos Subprefeitos, sabemos. Eu estou há seis anos como Subprefeito. Saúdo também o Jesus. Nós

estamos lá desde à Vila Maria fazendo um trabalho, e lá, há um espaço da Amaju, que era o antigo Cicas – um espaço semelhante a esse. Nós conseguimos fazer um trabalho lá. Consegui, com a questão documental, ajudar um pouco. Também fizemos uma reforma lá. Ajudamos o pessoal da Amaju, que é a Associação do Jardim Julieta.

Eu posso dizer, nobre Vereadora, primeiro, que eu sempre tenho um lema como subprefeito. Eu sou da iniciativa privada. O Jesus sabe toda a minha história. Venho desde 2017 e, por uma amizade que eu tinha com o Bruno, assumi a Vila Maria. Fiquei na Vila Maria e, depois, assumi mais outra Subprefeitura – e essa é a terceira da zona Norte.

No que eu puder ajudar – e o Jesus sabe disso –, eu ajudo. Se for para atrapalhar, eu não coloco a mão. Eu sou o Executivo, e o dinheiro, o recurso que chega à Subprefeitura, seja para a cultura, seja para a zeladoria, questão administrativa, eu tenho obrigação legal de executar. Portanto, o que tiver na cultura para executar, nós vamos executar. Para atender aos coletivos do Jaçanã, como os do Tremembé, nós podemos colocar o Marcos como um interlocutor; quem quiser o contato, o Jesus sabe.

Todo mundo tem meu celular. Eu deixo à disposição o meu WhatsApp. Agora é tentar ter um diálogo um pouco mais próximo com a Subprefeitura; eu só consigo executar aquilo que está na Sub de orçamento. Se houver orçamento, nós sentamos e debatemos – seja para festa de bairro, seja para algum evento, como Dia das Crianças ou Natal; seja o que for, um evento ou uma festa, desde que seja para fomentar a questão cultural no território.

Fico à disposição, juntamente com o Marcos, Supervisor de Cultura. Depois, para quem quiser, o Jesus está autorizado a passar o meu telefone para mandar-me mensagens. Nós podemos combinar de tentar montar um grupo de trabalho – alguma coisa nesse sentido. Mas eu vou executar aquilo que estiver na minha atribuição.

A grande verdade é que o Subprefeito cuida de limpeza – apesar de eu ter uma visão um pouquinho diferente –; é a de que o subprefeito tem que olhar para a cultura, para o esporte, para a habitação – porque o cidadão não mora no Brasil, não mora no Estado de São Paulo, mas, sim, na sua rua, onde há buraco, há problema com árvores, há enchente, há problema com

asfalto; é lá que ele sofre com a falta de cultura, com a falta de esporte, com a falta de emprego. Por isso, é o subprefeito que tem que recepcionar todas essas demandas. Quem trabalha comigo e quem já precisou do nosso trabalho sabe que nós precisamos de apoio a essas demandas naquele espaço.

Eu já tive uma reunião com a Secretária Adjunta e foi feita uma transferência para a Secretaria de Segurança Urbana. Com atividade cultural no local, pelo que eu sei, o Comandante da região Jaçanã/Tremembé, o Bueno, nem vai ter mais interesse nessa área. Inclusive, nós estamos tentando viabilizar uma outra área – espaço que é do hospital, mas que a Sub já usa há algum tempo – documentalmente.

Não que vocês tenham um problema, mas isso resolveria essa questão de espaço. Pelo que eu sei, a GCM não tem mais interesse, porque já há esse equipamento – e, aí, é uma questão política, de sentar com o CGPatri que foi convidado e fazer a transferência de uso da Secretaria de Segurança Urbana para a Secretaria de Cultura. Mas eu acredito que vocês não vão ter problemas com a questão de espaço; esse é um sentimento que eu tenho.

Em relação a verbas, se a Vereadora conseguir colocar no orçamento e vier para a Subprefeitura, eu já disse que estou à disposição para executar. Quanto à questão da pista de *skate* e da iluminação, nós trabalhamos com sistema; iluminação é sistema, zeladoria é sistema. Então, o que eu preciso, do gabinete da Vereadora ou de um coletivo, é de um ofício solicitando iluminação ou reforma para determinada praça. Se conseguir mandar emenda parlamentar, isso nos ajudará a executar o trabalho, nos ajudará – nós, o Poder Público, a sociedade, o Legislativo e o Executivo – a trabalhar para benefícios como iluminação, asfalto, limpeza e, quem sabe, um lugar melhor para vivermos. Continuo à disposição.

A questão indígena toca-me um pouco, porque tenho descendência indígena por parte da minha tataravó – como mostram os meus traços. Portanto, esse é um tema que sempre me vem à memória por causa do meu avô, que deu a mim, o seu último neto, o seu nome, Dario.

Então, é isso, pessoal. Vereadora, estou à disposição. O Jesus me conhece e sabe que eu vim para trabalhar em prol da comunidade e vou ajudar no que eu puder. Se eu for

atrapalhar, nem coloco a mão. Se houver orçamento, nós vamos executar. Para as próximas festas, fica o compromisso – meu e o do Marcos –, de trazer vocês para conversarmos nos próximos eventos que acontecerem na Subprefeitura, para fomentar a questão cultural no nosso Jaçanã/Tremembé. Aqui o desafio é três vezes maior.

A área territorial do Jaçanã é três vezes que o da Vila Maria; é a Subprefeitura de Santana, mais a de Vila Maria e ainda mais uma. Portanto, em área territorial, três Subprefeituras com questões que vocês conhecem muito mais do que eu, como a geografia do lugar, uma topografia de morro e as questões das invasões para enfrentar. Esse é um trabalho bastante árduo, mas, quando aceitamos o desafio, não nos furtamos a executar o trabalho.

Obrigado, mais uma vez, pelo convite. Podem contar com o nosso apoio e o nosso trabalho no que nós pudermos ajudar. Estou à disposição. (Palmas)

**O SR. DARIO JOSÉ BARRETO** – Vou passar a palavra para o pessoal da cultura, Presidente Elaine.

**O SR. MARCELLO DE SOUZA** – Salve. Boa noite a todos, todas e todes.

Primeiramente, eu gostaria de agradecer pelo convite. Para quem não me conhece, eu sou o Marcello, sou cria das batalhas de rima, Fundação Casa. Atualmente, eu estou dentro do Núcleo de Hip Hop da Secretaria de Cultura, juntamente com o Anderson.

É um prazer estar aqui, principalmente, porque hoje é um dia muito especial para mim, porque faço aniversário de santo e muitas das coisas que falaram vão muito ao encontro do que temos conversado, dentro do Núcleo de Hip Hop. Eu posso responder pelo *hip-hop* ali, dentro, porque é isso que me compete.

Desde o primeiro encontro que eu tive, das primeiras reuniões que nós fizemos no ano passado – eu estou há pouquíssimo tempo, ainda vou completar um ano –, eu sempre repito uma frase que eu tento levar sempre comigo e que eu aprendi na casa de santo onde eu estou há 30 anos: “eu não acredito no *hip hop* de uma forma unilateral, eu acredito que o *hip hop* é construído por várias mãos”. Em todo encontro, todas as pessoas que nos procuraram, nós atendemos e sempre tentamos resolver as demandas.

Por isso, é muito importante ouvir o que as pessoas daqui têm a dizer, porque essa é uma das coisas que nós podemos melhorar. E uma das coisas que foram faladas, que nós pontuamos e pensamos muito, dentro do Núcleo de Hip Hop, foi sobre existir, de fato, uma curadoria territorial para que consigamos entender as demandas dos territórios, porque São Paulo é muito grande e o *hip hop* é gigante. O Pirata está ligado há mais tempo que eu nisso.

Para o Mês do *Hip Hop* do ano que vem, nós temos conversado sobre isso, sobre essa curadoria territorial para que nós consigamos, cada vez mais, ouvir as demandas das regiões. Nós vamos voltar a fazer os encontros que o Mês do *Hip Hop* fazia, antigamente, para ouvir o que as pessoas querem do Núcleo, o que as pessoas esperam do Mês do *Hip Hop*, porque como eu acabei de falar, o *hip hop* é uma construção coletiva. Por isso, não adianta vir da Secretaria para o movimento, porque é o movimento que traz para a Secretaria e o movimento é gigante e plural. Neste ano, nós conseguimos trazer mais artistas LGBTQIA+ e artistas indígenas. Nós queremos e precisamos mais disso – de mais engajamento.

Para não me alongar muito, eu coloco-me à disposição para sempre que vocês precisarem conversar conosco. As nossas portas estão abertas, temos rede social, telefone, grupo de WhatsApp e nós estamos na Secretaria. É só chegar, porque estamos lá para ouvir, para entender e para tentar buscar essa construção cada vez mais coletiva, dentro daquilo que nós entendemos como *hip hop*. Nós podemos até levar as demandas que foram levantadas, sem problema nenhum, mas no que compete ao *hip-hop* e no que nos comprometemos a fazer, estamos sempre de portas abertas para escutar as pessoas.

Nós já respondemos alguns ofícios do Pirata, da Vereadora e sempre que vocês quiserem ter esse diálogo, nós estamos de portas abertas. Eu venho desse rolê e aprendi dessa forma. E não é porque estou, atualmente, dentro da Secretaria que vai mudar alguma coisa. Eu aprendi na batalha da rua, aprendi dentro da Fundação Casa e é isso que eu sei fazer, eu entendo de *hip hop*, minimamente. Então, para o que vocês precisarem, o Núcleo está de portas abertas.

Muito obrigado. (Palmas)

**O SR. ANDERSON RAFAEL F. NUNES** – Salve, salve, pessoal.

Eu trabalho na Secretaria de Cultura desde 2019, onde peguei uma transição de dois Secretários e, atualmente, eu trabalho no Núcleo de Hip Hop.

De 2019 para cá, nós viemos mudando algumas questões sobre a implantação do Mês do *Hip Hop*, de fato. Uma das questões foi transformar esse processo democrático participativo, abrindo chamamento público e edital. Inclusive, hoje nós iniciamos o processo de inscrição da chamada pública para a Comissão e Curadoria Territorial, que vai até o dia 05 de novembro. Para quem tiver interesse, é um processo de seleção que consiste na inscrição dos curadores e quem vota em cada categoria são os artistas que se inscrevem.

A cada ano que passa, desde 2019, nós temos um aumento de inscrições e pessoas interessadas a participar desse processo. Em 2019, foram 600 pessoas habilitadas; em 2020, foram 1000 pessoas; em 2021, foram 1200; e neste ano, foram 1500 pessoas habilitadas. É claro que quando nós falamos sobre os números, são realmente menores quando comparados a outro tipo de contratação – mas é habilitado de forma transparente e todas as contratações saem no *Diário Oficial* por valor tabelado, sem nenhum tipo de questão que não seja transparente.

Como o Subprefeito comentou, a dotação que chega para nós foi executada do início ao fim. Todos esses anos em que estou presente, nós temos feito, cada vez mais, ações para trazer novos artistas, seja deixando o edital mais simples. Porque antigamente, para você ser contratado pelo edital, tinha que colocar um *release* supercompleto e, hoje em dia, uma análise curatorial faz com que os artistas que não tenham tanto histórico consigam ser contemplados.

Inclusive, o Manno G já esteve na lista de contratados do Mês do *Hip Hop* – já foi contratado outras vezes. E, como o Gugu falou, nós estamos de portas abertas. Nós precisamos, realmente, receber as questões. Quando a Secretária Aline assumiu, ela deixou muito explícito que nós tínhamos que descentralizar o orçamento. Aí, nós falamos: “A gente tem a grana somente do edital”, e nós usamos o dinheiro do edital, o dinheiro da Lei do Mês do *Hip Hop* somente para contratações via edital – ou seja: esse dinheiro não é usado para contratações diretas de artistas de renome, porque são outras dotações dentro da pasta da Secretaria de

Cultura, que é a Coordenadoria de Programação Cultural. Vou deixar isso em aberto, porque já aconteceu em outros momentos, durante este ano. Outras Subprefeituras, como Vila Prudente, São Mateus, algumas da zona Sul, enviaram ofício solicitando a presença de artistas da cultura *hip hop*, do edital do *hip-hop*, para se apresentarem nos eventos de aniversário. A Subprefeitura da Vila Prudente quis fazer um evento de inauguração de uma quadra de basquete com atividades de *hip hop*, e nós atendemos à solicitação, levando infraestrutura, que não é do Mês do *Hip Hop*, mas nós solicitamos para o turismo.

Como a Vereadora e o Subprefeito comentaram, nós precisamos desses ofícios, dessas solicitações. É como o Gugu falou: o território de São Paulo é muito grande. E aí, recebendo e organizando as demandas, nós ficamos com muito mais consciência do que realmente precisa. Assim, sem maldade: quando recebemos a ideia sobre a Casa de Cultura, nessa questão da GCM, nós ficamos p\*t\*s da cara, na moral. Sabemos do histórico.

Na realidade, gostaríamos de ter esse território como um espaço de *hip-hop*, assim como acontece na Casa de Cultura Hip Hop Leste, na Casa de Cultura Hip Hop Sul, que foram batalhas que as pessoas travaram para ter essa conquista. E nós estamos nesse *front*. No que for possível, nós estamos na bala, seja enviando ofício, seja pedindo aumento de dotação, que, como o Pirata falou, nós já enviamos.

Ano passado, solicitamos seis milhões para o Mês do *Hip Hop* e foram aprovados dois milhões, sendo 1 milhão e 600 mil para contratação de pessoa jurídica e 400 mil para contratação de pessoas físicas. Então, de seis milhões para dois milhões, realmente: ficamos muito de mãos atadas. Apesar disso, neste ano, como o Gugu falou, nós já estamos pleiteando aumento de valores dentro desse edital.

Existe uma portaria do Tribunal de Contas do Município, que faz com que as contratações sigam com comparativo de valores. Isso faz essa necessidade – como o Pirata falou – de contrato de exclusividade, nota fiscal emitida com valores semelhantes para evitar qualquer tipo de corrupção. Só que sabemos que não são todos os artistas que têm acesso. Por isso, existe a portaria: para facilitar a entrada de artistas independentes que não têm como

comprovar cachês acima de seis mil reais, mas que são contemplados de acordo com a ficha técnica.

Eu sei que o Pirata não gosta de produtores culturais. Mas a produção cultural é muito grande.

- Manifestação fora do microfone.

**O SR. ANDERSON RAFAEL F. NUNES** – Exatamente.

Inclusive, nesse sentido, colocamos o projeto Território *Hip Hop*, além de ensinar... porque o projeto Território *Hip Hop* é um programa de fomento à formação.

Ano passado, iniciamos esse projeto com arteducadores nas categorias de MCs, DJs, grafites e *break*. Este ano, nós inserimos o tema de produção cultural, porque a cultura *hip hop* precisa de direcionamento político. Muitos artistas, realmente, não conseguem acessar a máquina – seja porque acha que é distante, seja porque há, realmente, muita burocracia. Até artistas que tocam em outros festivais falam: “Mano, é muito burocrático ser contratado pela Prefeitura de São Paulo”. Mas, olha, se não seguirmos isso, vai ser complicado; muito complexo não seguirmos o que está determinado pelo Tribunal de Contas do Município.

Nós, como pasta executiva, temos algumas limitações – que tentamos burlar. Então é isso: vamos criar um tema de produção cultural para ensinar as pessoas sobre políticas públicas culturais, para ensinar as pessoas a se inscreverem no edital.

Muita gente fala que as pessoas dependem de empresas para representá-las. Então, vamos abrir espaço para MEI – hoje em dia, MEIs conseguem ser contemplados pela Secretaria de Cultura através do edital.

Estamos planejando o Território *Hip Hop*, no Mês do *Hip Hop*, do ano que vem.

Já abrimos a chamada de comissão especial de seleção, curadoria territorial. O próximo passo, já dia 16, domingo, vamos iniciar o planejamento dos encontros – inclusive, um atendimento que estava nos ofícios que o Pirata enviou para nós voltarmos a fazer isso. Não fizemos em 2020, por causa da pandemia; em 2021, fizemos, mas era tímido, porque tínhamos acabado de voltar da pandemia – os seminários acabaram tendo uma média de dez pessoas em

cada território, 15 pessoas. Nesse ano, esperamos ter maior número.

Na região da zona Norte, vamos fazer os encontros na Casa de Cultura da Vila Guilherme e na Brasilândia. Então, para nós, seria maravilhoso conseguir ocupar esses espaços. Mas como sabemos que há toda uma questão política...

Quando a solicitação vem por ofício, ainda que seja por uma Subprefeitura; se o Subprefeito chegar e falar: “Aqui, é uma data importante para a Casa de Cultura Hip Hop Jaçanã, tal data. Queremos fazer um evento aqui, contribuam com isso”, vamos fazer o corre, tá ligado? Tentar não usar a dotação do Mês do *Hip Hop*, mas usar uma dotação da coordenadoria de programação, solicitar infraestrutura da Secretaria de Turismo. Ainda assim é uma coisa muito pequena.

É isso, olhamos, puts, mano, daria para fazer três andares, como se fosse um centro de formação cultural”, mas há muita coisa que nós ficamos muito brecados, tá ligado?

Nesses dias, fizemos até uma reunião falando sobre os pontos de Casa de Cultura Hip Hop e fomos levantar essas questões para o gabinete e tudo mais. Percebemos que é uma luta que possui o interesse de muitas outras pessoas, e acabamos ficando de mãos atadas. Núcleo de Hip Hop é somente um núcleo dentro de uma pasta gigante.

Então é isso: orçamento. Já pedimos, já solicitamos orçamento para o ano que vem, independentemente do valor – se vierem dois milhões de novo, vamos aumentar esse valor de cachê e vamos tentar contemplar todos os artistas que forem habilitados. É isso.

Estamos à disposição para o que vocês precisarem.

Podem enviar *e-mail*; temos o Instagram também, que acaba sendo um pouco mais acessível. Temos um grupo de WhatsApp também, que, sempre que questionarem, estaremos lá, atentos.

É isso. Valeu pelo espaço. E nos chamem mais vezes.

Sem maldade, queremos contribuir e participar dessa construção, está ligado?

(Palmas)

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico) – Obrigada.**

Queria agradecer a participação.

Quanto ao requerimento para a iluminação da praça, mandamos amanhã mesmo, sem problema nenhum. Amanhã cedo chega na Subprefeitura, sem problema nenhum. Se for essa a questão, está resolvida, sem problema nenhum.

Já que há uma boa-vontade da Subprefeitura em relação a esse espaço, e ao espaço da GCM, eu queria solicitar o acompanhamento desse processo como mandata.

- Manifestação fora do microfone.

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – É, então, isso que precisamos acompanhar. Mas geralmente esbarramos na própria Subprefeitura, em relação aos espaços.

Essa é a nossa grande questão: se há uma boa-vontade da Subprefeitura em ceder o espaço para a Casa Hip Hop acontecer, e conseguirmos fazer isso formalmente com a Secretaria, nós tocamos esse processo pelo nosso mandato. Lá, conversamos com a Secretaria, e se já tiver o outro espaço também, nós tentamos tocar com a Secretaria de Segurança – e, aí, também resolvemos o problema da GCM e o problema do.... Se há essa boa-vontade na Sub, as coisas ficam muito... E se há esses espaços, as coisas ficam muito mais fáceis. Aí, depende mais da Secretaria de Cultura, também. Então, pretendemos acompanhar a partir de agora.

Marcos, desculpa, você quer fazer uso da fala? Você é o único que não falou.

Fique à vontade.

**O SR. MARCOS ROBERTO DA SILVA** – Boa noite, gente.

Tudo que vocês falaram, eu também passo por isso, porque sou um músico da noite e sei que é difícil. Mas eu, como estou supervisor de cultura em Jaçanã e Tremembé, as portas estão abertas, é só chegar para conversar, que podemos dar jeito em algumas coisas. Está bom?

É isso que eu queria falar.

Obrigado. (Palmas)

**A SRA. PRESIDENTE (Elaine do Quilombo Periférico)** – Obrigada, Marcos, pela participação, pela presença. Obrigada mesmo.

Então, com relação a essas questões que podemos tocar com o mandato, nós tocamos. Ainda amanhã conseguimos fazer esses requerimentos. Talvez essa coisa do espaço seja mais complexa, mas vamos acompanhando e isso fica como uma demanda para a reunião de retorno, que fazemos na Casa. Aí, conseguimos identificar direito onde está o processo, o que está acontecendo, se há um processo em andamento, se já temos a disponibilidade da Subprefeitura e já avançamos bastante na discussão. Aí, partimos para a discussão com as secretarias que podem... com a CGpatri.

Nós já temos a disponibilidade da Subprefeitura e já avança bastante na discussão, parte para discussão com as Secretarias. Nós convidamos a CGpatri, mas, infelizmente, eles não puderam comparecer.

Então, é importante essa boa vontade, mas é para isso que serve a audiência: quando nos territórios sempre aparecem questões que podem ser resolvidas com um pouquinho de boa vontade. É isso o que nós procuramos fazer. Eu queria agradecer a todas e todos por esta audiência e informar que nós fazemos uma reunião de retorno com essas questões que apareceram no território. Quero fazer um convite para o pessoal do *hip hop* e um convite a toda a Secretaria Municipal de Cultura para todas as audiências públicas para todas as reuniões da Subcomissão de Cultura. Então, fiquem à vontade. Seria bem importante porque a demanda do *hip hop* provavelmente é a única que aparece em todas as reuniões. Então, se vocês puderem participar, nós ficamos muito felizes em receber, tanto nas audiências públicas como na Subcomissão de Cultura.

Eu queria dar recados: as reuniões acontecem sempre de quinze em quinze dias, quintas-feiras, às 10h. Tivemos uma reunião hoje, não teremos na semana que vem, mas, sim, na outra. Sempre mandamos para a Secretaria e podemos começar a mandar direto para o Núcleo Hip Hop com antecedência, avisando quando serão as reuniões.

Informo que entramos em um processo na Câmara – hoje, nós fizemos uma primeira reunião na Subcomissão de Cultura sobre orçamento da Secretaria Municipal de Cultura, e as nossas duas próximas reuniões vão tratar sobre o tema orçamento da cultura para conseguir

destrinchar como está esse orçamento, como foi executado e como é a proposta orçamentária que chega do Executivo na Casa para os Vereadores. Nas duas próximas reuniões vamos discutir esse orçamento. No final do ano, os Vereadores poderão propor emendas no orçamento. Não significa que elas sejam acatadas, mas nós podemos propor. Essas propostas são feitas de acordo com o que é debatido nessas audiências.

A Câmara, historicamente, faz audiências públicas temáticas sobre orçamento, e a cultura, geralmente, sempre há uma ou mais reuniões temáticas no orçamento. É muito importante a fala. A Secretaria também é convidada para participar dessas reuniões de orçamento e quero também fazer um convite especial para a próxima reunião externa da Subcomissão de Cultura que vai acontecer no dia 20/10, às 19h30, com o tema Grajaú, Parelheiros e Marsilac, os desafios da cultura nos extremos da cidade. Ainda não há espaço confirmado, mas vamos confirmar pelas redes sociais qual o território em que nós vamos fazer a próxima audiência pública. Os espaços para as audiências dependem dos próprios equipamentos de cultura que recebem a Subcomissão de Cultura. Então, em algumas vezes, nós temos dificuldade de sermos recebidos pelos equipamentos da cidade para fazer as audiências públicas e, muitas vezes, nós somos muito melhor recebidos em espaços como este. Nós sempre ficamos com o cuidado de fazer audiência em espaços em que sabe que as pessoas vão ser bem recebidas, em que nós vamos poder fazer bem a reunião. Nós não conseguimos o espaço ainda, mas, com certeza, vamos definir um espaço até semana que vem. Nós comunicaremos a todas as pessoas.

Eu queria agradecer a todas as pessoas que vieram a esta audiência; à TV Câmara São Paulo; aos GCM; aos funcionários da Câmara Municipal de São Paulo; às meninas intérpretes de libras; antes de tudo, à Casa de Hip Hop Jaçanã e todas as pessoas deste território que se organizaram para receberem-nos muito bem e prontamente para a nossa audiência pública como nós fizemos hoje.

Muito obrigada a todos e todas.

Nós nos vemos na próxima audiência. (Palmas)